

# Filipe Faísca conta-nos histórias daquilo que ainda não vimos

O que é a narrativa da moda? Está no nosso quotidiano, mas também no espectáculo na *passerelle*. Hoje o designer vai mesmo contar *Short Stories* e pôr-nos a pensar em mulheres

**Modalisboa**  
Joana Amaral Cardoso

Quando escolhemos uma peça para vestir, estamos a eleger a forma como nos apresentamos ao mundo – e a contar-lhe uma história. Discreta, festiva, sedutora, combativa, somos candidatos a ser personagem, pessoa. Hoje, o designer português Filipe Faísca, cujos desfiles têm marcado, como pequenos acontecimentos, as estações de moda portuguesas, desta vez conta-nos várias *Short Stories* no último dia da 45.ª Modalisboa.

Relatos de vidas de várias mulheres, escritos e narrados pela jornalista Sandra Nobre, aliam-se às “rendas e plissados” da sua coleção para o próximo Verão. Todos a bordo, que esta é uma viagem entre o tempo e o espaço.

A coleção que às 15h de hoje sobe à *passerelle* chama-se *Now*. Agora, Filipe Faísca pode descrever-se como um designer narrativo, cujo trabalho era, numa primeira fase, “quase um grito, uma força, uma energia que co-

municava de forma escultural têxtil ou através da roupa”, mas que sempre tentou contar histórias, explica na sua loja em Lisboa dias antes do desfile. “Foi-se tornando claro que há uma mensagem”, explica ao PÚBLICO, e a proposta de Sandra Nobre e do seu projecto *Short Stories* dará “corpo” ao que Faísca nos quer dizer com as mulheres que imagina vestir.

Num mundo em que todos os dias parece haver, algures, um desfile de moda, os que se distinguem são aqueles que têm uma ou várias histórias para contar, escritas pelas roupas e encadernadas pela encação que as rodeia – pisquemos o olho ao conceptual Rick Owens ou ao luxuoso Lagerfeld na Chanel, por exemplo. O papel da narrativa no discurso de moda está amplamente analisado e vem mesmo à cabeça Paul

Ricoeur e o seu conceito de narrativa identitária – “a narrativa constrói a identidade da personagem, o que pode ser chamado a sua identidade narrativa” (*Soi-même comme un autre*, 1990) – ou a simples equação adolescência+roupas=tribo.

Now é Filipe Faísca a trabalhar a “ideia de tempo e de espaço”, conceitos que nos regem “mas que não existem – cada vez mais entramos em confronto com eles”. O conflito é o coração de uma história, ou “sinais de histórias”, pensando também na “tendência internacional na moda que é misturar o Verão com o Inverno, viajar”, tempo e espaço cada vez menos constritores. Sandra Nobre, jornalista *freelance* e autora do projecto *Short Stories*, que desde 2013 faz livros personalizados sobre as histórias de quem lhas peça para contar (biografias, histórias de amor, de viagens...), propôs-lhe e recebeu dele histórias. Imagens Faísca como a elegante *frequent flyer* semides-

pida pelos controlos de segurança nos aeroportos, por exemplo.

Nas últimas estações, Faísca teve o *Call-center* de Joana Vasconcelos, a parceria com a Fundação Rui Osório de Castro, que apoia crianças com cancro, ou, já em 2007 e quando melhor conheceu Nobre, a emblemática *Portugal, Portugal*, com Zeca Afonso e o burel a levarem a sala às lágrimas de portugalidade. Hoje, e depois de outro chamariz de público e histórias-espectáculo chamado Nuno Gama, no desfile de *Now* contam-se histórias de várias mulheres em aeroportos, estações de comboios, lugares de transferência e de trânsito de onde as manequins (com algumas surpresas no elenco) vão a Ibiza, Paris, Santorini ou ao Porto. “Nunca vi as histórias só como livros e sempre achei interessante poder transformá-las noutros

formatos”, diz Sandra Nobre, que lecciona ainda *workshops* de *storytelling* e que matutava em “contar uma história como pano de fundo” de desfile, de coleção.

No desfile estarão duas centenas dos seus livros cosidos à mão, as histórias que vão caminhar em sapatos Christian Louboutin e acessórios da marca de luxo Montblanc. É a primeira vez que a Montblanc se associa a um designer português num desfile (numa edição em que o próprio tema da Modalisboa é *Timers*), depois de também pela primeira vez um designer externo, Marc Newson, criar uma caneta, a Montblanc M, que será apresentada no evento.

Now, que mulheres? “A mulher que eu idealizo é libertina, que se solta dos seus preconceitos, que arrisca, festeja, e com alguma tristeza. E também há as tendências”, sorri. “Rendas e plissados – são o ideal para viagens. Não se amachuca. Eu vejo-os sempre como mil-folhas, como as páginas dos livros”, associa Sandra. “E as rendas são o que fazemos com as palavras”. A história de Renata, passaporte cheio e conversas com a avó de permissão, foi das primeiras a gravar-se na cabeça de Faísca. Hoje, Renata vai à Modalisboa.



DANIEL ROCHA



Agora, Filipe Faísca pode descrever-se como um designer narrativo